

Uma cultura visual para o feminino? Iluminura nos mosteiros dominicanos femininos do século XVI: o estado da questão

Paula Freire Cardoso

Bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia
Instituto de Estudos Medievais, FCSH- NOVA
paula.cardoso.9@gmail.com

Resumo

O Livro de Coro representa o maior número de códices iluminados quinhentistas nos arquivos portugueses. Contudo, excetuando alguns avanços na área da musicologia, o seu estudo permanece por fazer. Esta situação verifica-se não só a nível nacional como a nível europeu. No caso português, o maior número de livros de coro sobreviventes tem origem em conventos femininos dominicanos, proporcionando um excelente *corpus* para o estudo desta tipologia. O estudo das comunidades femininas medievais e modernas, bem como da sua relação com a arte é também um assunto parcamente estudado. Para uma avaliação do estado desta questão é necessário analisar o que tem sido feito, não apenas no estudo do Livro de Coro e iluminura quinhentista, como também no estudo do contexto para o qual estes códices foram produzidos.

Abstract

The Choir Book represents the majority of sixteenth century illuminated codices in Portuguese archives. Nevertheless, except for some progress in the field of musicology, its study remains undone. This situation can be verified both on national and European levels. In the Portuguese case most of the surviving Choir Books come from female Dominican monasteries, providing an excellent *corpus* for the study of this typology. The study of medieval and modern female communities, as well as its relation to art is also an undeveloped academic field. In order to evaluate the current state of this matter it is necessary to take in consideration not only the research on Choir Books and sixteenth century illumination, but also the investigation on the context in which those codices were produced.

Palavras-chave: Iluminura feminina; Livro de Coro; Conventos dominicanos femininos; Iluminura em Portugal; Século XVI.

Keywords: Female illuminators; Choir Book; Portuguese illumination; Dominican nunneries; sixteenth century.

O Estado da Questão

Para avaliar o estado da questão no estudo da iluminura de Livros de Coro dos mosteiros dominicanos femininos do século XVI, é preciso ter algum cuidado, uma vez que não existem estudos diretamente relacionados com o tema em causa. O estudo da iluminura monástica portuguesa do século XVI está ainda por fazer e o estudo dos Livros de Coro, quer monásticos, quer

pertencentes a outras instituições religiosas, permanece também num estado preliminar. Em termos europeus, apenas a Academia espanhola se tem dedicado ao estudo da iluminura do século XVI, nomeadamente no que respeita aos Livros de Coro produzidos para as suas catedrais. Este fenómeno talvez se deva ao grande impulso que a produção de iluminura sofreu na Península Ibérica, naquela época.

Também os estudos direccionados para a iluminura monástica feminina são escassos em Portugal, sendo que, mesmo no resto da Europa, este tema aparece pouco estudado. Existem, contudo, alguns académicos americanos e alemães que se têm dedicado ao estudo da relação entre a espiritualidade e a arte nos conventos germânicos femininos. Estes casos têm dado alguma atenção à iluminura dentro das comunidades femininas, nomeadamente no que diz respeito à relação entre a imagem, a mulher enclausurada e a própria Reforma Observante. Assim, a análise do estado desta questão, terá de ter por base as investigações que as áreas acima citadas têm vindo a desenvolver, para que se possa construir uma metodologia apropriada a este caso concreto.

Analisar-se-á, de seguida, de forma mais demorada, o estado da questão em cada um dos campos anteriormente apontados.

Do estudo da iluminura monástica do século XVI em Portugal

O estudo da iluminura em Portugal tem avançado desde os anos 80, em direcção ao final da Idade Média, girando em torno das épocas altas (séc. XII-XIII) de produção dos *scriptoria* dos grandes mosteiros como Santa Maria de Alcobaça, Santa Cruz de Coimbra e S. Mamede do Lorvão. Vem-se estendendo, desde os últimos vinte anos, nomeadamente nos trabalhos de Horácio Peixeiro, aos séculos XIV e XV, com o seu estudo sobre missais portugueses e variados artigos relativos às características gerais da iluminura portuguesa quatrocentista (Peixeiro 1986; 1994; 1996; 1999; 2007; 2014). Recentemente tem-se notado um crescente interesse dos investigadores pela iluminura dos Livros de Horas do século XV existentes nos arquivos portugueses (Custódio 2010; Custódio e Miranda 2014; Lemos, 2013), bem como pelo estudo da iluminura hebraica de produção nacional (Afonso e Pinto 2014; Afonso e Moita 2014; Afonso e Miranda 2015); porém, embora já estejam a ser dados alguns passos no sentido de contrariar essa tendência¹, continuam a faltar estudos que

¹ Como, por exemplo, no trabalho da autora deste artigo (Cardoso 2013) ou nos trabalhos de Catarina Barreira sobre a iluminura monástica dos séculos XIV e XVI (Barreira 2013; 2014; 2016).

visem a iluminura monástica nacional do século XIII em diante. O *Inventário dos códices iluminados até 1500*, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura e pelo Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, entre 1994 e 2001, representa um grande esforço no sentido de catalogar os vários códices iluminados presentes nos arquivos portugueses. Contudo, o levantamento parou no final do século XV (*Inventário dos códices iluminados até 1500* 1994; *Inventário dos códices iluminados até 1500* 2001).

O interesse pela iluminura nacional foca-se depois no início do século XVI, momento em que Portugal se torna num dos principais centros de produção de livros iluminados da Europa. Após uma centúria de importações, onde alguns dos manuscritos mais luxuosos tiveram como destino clientes portugueses – nomeadamente D. Manuel I –, as excelentes condições económicas do país proporcionaram o desenvolvimento de uma escola de iluminura nacional, sob o patrocínio régio. A iluminura sofre um processo de laicização sem precedentes, estendendo-se das crónicas dos reis às cartas de foral, cartas marítimas e livros de chancelaria, alcançando o nível artístico da iluminura europeia com a *Leitura Nova* de D. Manuel I e D. João II. A iluminura é, agora, uma arte praticada também por pintores, longe do monopólio conventual de outrora.

Portadora de capítulo próprio em quase todas as grandes obras de História da Arte Portuguesa, a iluminura da *Leitura Nova* mereceu um estudo aprofundado da historiadora da arte Silvy Deswarte (Deswarte 1977), no qual a autora estabeleceu diversos estilos e influências. A autora faz uma útil caracterização geral de uma das facetas da iluminura portuguesa do século XVI, descrevendo Portugal como um dos principais centros de produção de iluminura na Europa.² De entre as conclusões do seu estudo, destaca-se, como dissemos, o traçar das principais influências e a identificação dos principais iluminadores: numa primeira fase (1477-1530), a autora destaca a influência da iluminura flamenga, que vai dando lugar, aos poucos, a uma influência italiana. A segunda metade do século XVI será marcada, segundo diz, por um maneirismo nórdico, que ocupará o lugar da gravura de ornamentos italiana³. Quanto aos iluminadores, a autora aponta o envolvimento de pintores como

² No entanto, a iluminura monástica, que continuou anónima e a ser produzida paralelamente ao fenómeno do programa régio, não foi abordada pela autora.

³ O comércio entre Portugal e a Flandres (Antuérpia e Portugal) intensifica-se na segunda metade do século, com o domínio espanhol. Este gosto pelos grotescos nórdicos estará presente nas demais artes do mesmo período, verificando-se na pintura maneirista, escultura e arquitetura (Deswarte 1977).

António de Holanda, Álvaro Pires e António Fernandes nas oficinas de produção de códices.

Embora se saiba, pelo estudo das fontes da *Leitura Nova* – e não só – que alguns dos iluminadores nesta envolvidos trabalharam também para alguns conventos⁴, que a Ordem dos Jerónimos teve o patrocínio régio com a implementação de vários mosteiros associada a uma avultada produção de Livros de Coro, e que o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra foi inserido no programa manuelino recebendo códices que se pensam parte do programa régio, pouca ou nenhuma importância tem sido dada pelos estudiosos a esta clara ligação entre as duas esferas – laica e monástica –, estando a iluminura proveniente do mosteiros marginalizada.

Estas inter-relações estão diretamente ligadas ao fenómeno da encomenda, em voga mais do que nunca, pois, ao contrário do que acontecia na Idade Média, são muito poucos os mosteiros que possuem produção própria abundante nesta época. Embora a ausência de documentação seja, muitas vezes, um entrave na análise da circulação dos manuscritos em ambiente monástico, a comparação de estilos intra e extra conventuais e a análise dos fundos documentais das casas religiosas poderá fornecer pistas que permitam apontar influências, executantes e comissários.

Os Livros de Coro, tanto de âmbito monástico, como aqueles que pertenceram a catedrais, representam, a par dos códices da chancelaria régia, o maior número de manuscritos iluminados do século XVI em Portugal. Ainda assim, excetuando os estudos no âmbito da musicologia, são quase nulas as investigações que lhes têm sido dedicadas. Infelizmente, tendo em conta a deficiente catalogação deste tipo de fundos, estima-se que muitos exemplares permaneçam sem registo oficial. Excetuando o fundo da Biblioteca Nacional de Portugal, composto, essencialmente, por códices dos conventos dominicanos femininos e pelo fundo do Mosteiro de Santa Maria de Belém, existem apenas as catalogações do fundo da livraria do Mosteiro do Lorvão, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, e as informações disponibilizadas pelos estudos musicológicos da catedral de Braga e mosteiros hieronimitas vimaranenses.

Os trabalhos dedicados diretamente ao tipo de códices que este artigo aborda limitam-se a breves catalogações e inventariações. O fundo de Livros de Coro da Biblioteca Nacional de Portugal possui como única descrição impressa o opúsculo de 1904: “Biblioteca Nacional de Lisboa: Collecção dos Livros de

⁴ Como o caso de António de Holanda, no Convento de Cristo, e, possivelmente, em Nossa Senhora do Paraíso de Évora.

Coro dos Conventos extintos”, da autoria de Gabriel Pereira. A isso soma-se um muito breve inventário manuscrito e não publicado feito por Isabel Cepêda nos anos 60 (c.1965). Porém, apesar de inventariados, nem todos os códices foram completamente catalogados. Recentemente, alguns desses livros foram adicionados ao catálogo da BNP, com base nesses mesmos apontamentos, mas muitos deles continuam sem um registo publico que assinala a sua existência. Isabel Cepêda elaborou muito recentemente um catálogo mais atualizado que aguarda publicação. Esta autora publicou também um artigo na revista *Invenire* (nº5, 2013), onde fala, justamente, da necessidade de estudar o fundo de Livros de Coro do século XVI da BNP (Cepêda 2013). Também o musicólogo Manuel Pedro Ferreira, alerta para o mesmo fundo no seu artigo “Um fragmento de Alcobaça, o canto dos Pregadores e os seus livros de coro na Biblioteca Nacional” (2010), onde aponta alguns problemas de catalogação e afirma que o estudo detalhado dos códices da BNP está ainda por realizar (Ferreira 2009, 751). A Tabela I enumera os códices até agora identificados.

A ausência da iluminura monástica portuguesa do século XVI, e também deste fundo, nos trabalhos académicos é quebrada apenas por Maria Luísa Frazão que elaborou uma dissertação de Mestrado sobre quatro dos seis livros de coro do Convento de Nossa Senhora do Paraíso, de Évora – os quatro livros encomendados pela priora Margarida Grã (Frazão 1998). A escolha destes códices no vasto leque quinhentista que os mosteiros nos legaram terá o seu provável fundamento na riqueza dos *Incipits* das principais festas litúrgicas, cuja semelhança com os frontispícios da *Leitura Nova* é flagrante. A autora aponta a hipótese de um dos iluminadores da oficina régia – António de Holanda ou António Fernandes – ter sido o iluminador desses fólhos. Ainda que vários passos importantes tenham sido dados por este estudo, nomeadamente na caracterização e descrição dos referidos livros, torna-se necessário aprofundar o seu estudo, especialmente no que diz respeito à sua relação com a espiritualidade da comunidade, com o restante grupo de códices e com a iluminura portuguesa e europeia da época.

Do predomínio da Academia espanhola

Os estudos sobre Livros de Coro têm especial representação na Academia espanhola que tem vindo, desde os anos de 1980, a estudar os fundos das suas catedrais, quer do ponto de vista musicológico, quer do ponto de vista artístico. Esta prevalência está relacionada com a elevada produção deste tipo de códices na Península Ibérica, durante o século XVI, especialmente no que respeita a

Castela. Contudo, os fundos monásticos – onde os Livros de Coro foram também uma prioridade naquele século – representam apenas uma pequena parte dos estudos dedicados a este tipo de códices. As poucas investigações que se dedicam ao meio monástico mostram a preferência pelas casas religiosas com patrocínio real – onde se destaca o Mosteiro do Escorial – onde os códices estão, maioritariamente, ligados a dispendiosas encomendas régias. A ausência de estudos que se direcionem para fundos de mosteiros não ligados a patrocínios régios, faz com que não seja possível ter uma noção global e realista da iluminura monástica do século XVI.

De forma geral, estes estudos são bastante regionalistas, centrando-se na província em análise e deixando de parte um olhar mais global acerca da iluminura hispânica da época. Existe uma propensão para os estudos de carácter mais descritivo e menos focado no contexto, faltando uma análise mais profunda dos fundos em questão e das suas relações com o meio e conjunturas em que são produzidos. O Livro de Coro enquanto *medium* e códice de características especiais ligadas à sua função litúrgica, não recebe a atenção devida, verificando-se um estudo fragmentário da sua decoração. Ao estudo dos códices enquanto parte de um conjunto maior que é o fundo a que pertencem, tende a sobrepor-se uma listagem de autores, acompanhada da caracterização geral da personalidade artística de cada um.

Contudo, após a análise das conclusões de vários estudos, pode perceber-se que existiu, em termos gerais, uma unidade estilística na iluminura hispânica do século XVI (no que respeita aos fundos das catedrais e aos mosteiros com patrocínio régio). O estudo de Rosário Hidalgo acerca do fundo de Livros de Coro quinhentistas da Catedral de Sevilha (Hidalgo 1999) possui um capítulo introdutório muito útil acerca da caracterização geral da iluminura sevilhana do século XVI. Estilisticamente, a caracterização que a autora faz da iluminura sevilhana da época assemelha-se bastante ao que se passou no caso português. Rosário Hidalgo sublinha o prestígio das formas góticas em pleno século XVI, com a influência de Bruges e Gante a manter-se até à oitava década de quinhentos⁵. Esta linguagem nórdica vai deixar-se penetrar por influências vindas de Itália – representadas, sobretudo, pelo uso do *candelieri*. O segundo terço do século é marcado pelo triunfo do grotesco, por uma arquitetura de proporções estudadas e por personagens com novos ares e amplas roupagens; contudo, os iluminadores continuam fascinados pelas estampas nórdicas

⁵ Esta influência chegou a Itália, onde os elementos flamengos alternam com os renascentistas. (Hidalgo 1999, 79).

(Hidalgo 1999, 86). No terceiro terço do século XVI imperará o maneirismo; apesar do ar da Contra-Reforma ter acabado com o grotesco, a iluminura dos Livros de Coro sevilhanos vai mantê-los durante algum tempo – o valor puramente decorativo da *marginália* não é afetado por Trento, mantendo-se a presença de seres fantásticos nas margens dos códices (Hidalgo 1999, 309). Por fim, a autora refere que estas fórmulas e composições não são exclusivas de Sevilha, estendendo-se a toda a Europa Ocidental e central, fenómeno provavelmente ligado à circulação de estampas, livros impressos e Livros de Horas.

Esta unidade estilística é comprovada pelo trabalho de Pilar Cano-Cortés acerca do fundo do Mosteiro de Guadalupe (Cano-Cortés 1998). No início do século XVI a comunidade decide realizar vários encargos a nível do coro, exaltando o Ofício Divino. Por detrás destes encargos estará, não só a favorável situação económica, como a necessidade de modernização à semelhança das mais importantes catedrais e centros religiosos, como a Catedral de Toledo (Cano-Cortés 1998, 423). De entre estas modernizações esteve a substituição dos Livros de Coro por novos códices mais sumptuosos. Para tal, o mosteiro contrata escribas e iluminadores seculares, vindos da capital do reino, Toledo. A autora faz uma importante observação dizendo que todos os mestres não fazem mais do que reproduzir o panorama artístico da iluminura hispânica nesta fase de transição entre o gótico e o renascimento, reafirmando a unidade estilística que se tem vindo a evidenciar. Diz ainda que a introdução dos motivos renascentistas não se faz tanto a partir de Itália, mas sim a partir do Norte da Europa, através da escola maneirista de Antuérpia e das gravuras de Dürer (Cano-Cortés 1998, 429).

Carmen Morte Garcia dá o panorama geral de outro mosteiro hieronimita que se destacou pelos seus sumptuosos Livros de Coro, patrocinados pelos Reis Católicos, durante o final do século XV e início do século XVI (Garcia 2012). Embora o seu estudo se centre apenas nos códices datados até à primeira metade do século XVI, a autora fornece informações importantes acerca da época em que se foca. Mais uma vez, os códices são caracterizados como portadores de uma iluminura própria do final do gótico com certos rasgos do renascimento – representantes do melhor do estilo *hispano-flamengo*, segundo refere. Este estilo terá resultado da mudança causada pelo estilo *ganto-brugense* na iluminura castelhana do final do século XV.

O único estudo encontrado referente a um mosteiro dominicano pertence a Fernando Villaseñor Sebastián e aborda os fragmentos de Livros de Coro do

Mosteiro de Santo Tomás de Ávila, pertencente ao ramo da Observância (Sebastián 2009). Contudo, está-se, mais uma vez, na presença de um mosteiro com patrocínio dos Reis Católicos, sendo o fundo de Livros de Coro uma oferta dos mesmos. Os ditos códices, estimados para o intervalo 1482-1492, são descritos pelas fontes documentais como ricos e sumptuosos; um dos mais excelsos conjuntos de Livros de Coro executados em Castela. Destes, sobrevivem apenas alguns fragmentos que deixam transparecer a riqueza descrita, enquadrada nos parâmetros dos restantes fundos monásticos com patrocínio régio. A ausência de estudos acerca de outros exemplares de iluminura monástica quinhentista não permite que se faça uma avaliação das características gerais deste tipo de iluminura. Pensa-se, contudo, que tal como acontece no caso português, a iluminura hispânica quinhentista não se tenha resumido aos fastuosos exemplares aqui descritos, provenientes de centros religiosos em excelentes condições económicas e, muitas das vezes, sob patrocínio régio. Verifica-se, da mesma forma, uma grande ausência quanto a estudos dirigidos a comunidades femininas do ponto de vista artístico ou da iluminura, em particular.

Do ponto de vista metodológico, alguns destes estudos reafirmaram a importância dos arquivos documentais das casas religiosas. No caso dos fundos de catedrais, estes documentos revelaram informações preciosas no âmbito dos processos contratuais, nomeadamente no que respeita a executantes, custos, datas ou formas de pagamento.

Da cultura visual nas comunidades religiosas femininas: relações entre a espiritualidade e a imagem devocional

A existência de uma especial relação do monacato feminino com a imagem tem sido defendida nas últimas duas décadas por vários académicos dedicados ao estudo das relações entre a espiritualidade feminina e a arte. Nas três últimas décadas, a História da Arte tem começado a abrir as suas fronteiras à arte desenvolvida por mulheres na Idade Média, começando a estudá-la de um ponto de vista contextual, que a compreende como cumpridora da função para que era gerada, nos seus padrões estéticos particulares. De entre estes estudos prevalecem aqueles que se dirigem a mulheres em ambiente monástico por serem estas aquelas que mais documentação legaram à posteridade, quer através de crónicas, quer através dos registos documentais necessários à vida comunitária de uma instituição religiosa (Roberts 1998).

A importância da cultura visual no estudo da arte produzida no contexto do monacato feminino tem especial representação nos trabalhos de Jeffrey Hamburger. O autor defende a centralidade de uma *cultura visual monástica feminina* no estudo da arte produzida nesse meio, lembrando que essas obras possuem uma retórica visual ligada ao treino de leitura da sua audiência. Segundo este autor, as mulheres enclausuradas tendiam a seguir os seus próprios modelos, fundados na sua própria cultura visual. Na formação desta cultura visual existia um grande peso de fontes narrativas como as vidas de santos, as próprias escrituras, ou mesmo os sermões dos seus orientadores espirituais (Hamburger 1997). Estas fontes acabavam por pesar tanto ou mais que os modelos iconográficos, cuja entrada na clausura se encontrava limitada a dotes, oferendas e algumas encomendas. Hamburger atribui um grande peso ao estudo, não só dos significados das imagens produzidas dentro do mosteiro e para o mosteiro, como também ao estudo das estratégias utilizadas para atingir esses significados, isto é, a análise da imagem enquanto necessidade e instrumento.

Carola Jäggi, num artigo acerca do uso das imagens em conventos femininos dominicanos, fala dos exemplos que podem ser reconstruídos a partir dos *sister-books* sobreviventes da província dominicana da alta Alemanha (Jäggi 2014). Em conclusões que vão ao encontro das propostas de Thomas Lentes no seu importante trabalho acerca do papel da imagem nas comunidades religiosas femininas dominicanas (Lentes 1996), a autora apresenta argumentos que, com base na documentação chegada até hoje, sugerem que existia, com efeito, uma vivência diferente da imagem pelo monacato feminino. Para ambos os autores, a exclusão das monjas da eucaristia (estando estas, não só, vedadas do ponto de vista do contacto físico, como também com uma visão muito limitada do altar), estaria associada a uma necessidade de compensação adquirida através da imagem. Sendo a informação que lhes chegava da eucaristia maioritariamente auditiva, os autores sugerem que este estímulo poderia ser compensado através, quer da visualização de imagens presentes no coro, quer do recurso à imaginação e meditação. Não estando o monacato masculino limitado do modo acima descrito, supõe-se que não existisse a necessidade de compensações deste tipo e se verificasse, portanto, uma diferente vivência da imagem. Segundo Thomas Lentes, as diferentes necessidades visuais do ramo feminino implicariam a existência de motivos decorativos específicos adaptados particularmente à “*piedade visual-visionária das monjas*”, para utilizar a expressão do autor (Lentes 1996, 751).

Ziegler e Hamburger vão ao encontro dos autores anteriormente referidos, dando também especial importância à frustração oriunda do impedimento do contacto direto com a comunhão, compensado através do recurso ao visual, quer em termos materiais, quer em termos de imagens mentais (Ziegler 1993 e Hamburger 1997). Estas teorias e leituras são tributárias de uma visão bastante psicanalítica em que os seus autores entendem que a mulher enclausurada, por comungar separada do altar, procurava nas imagens a união e a comunhão que lhe estava vedada pela clausura.

Contudo, é desta centralidade do visual e da necessidade de produzir (física ou mentalmente) imagens ajustadas às necessidades particulares de uma comunidade, que se origina a importância do estudo de uma cultura visual própria do monacato feminino aquando da análise da decoração dos seus códices. Num estudo que antecede o presente, a autora deste artigo estudou a iluminura de um grupo de códices quatrocentistas com origem num mosteiro feminino dominicano, verificando a presença de cenas iconograficamente incomuns bem como correspondências entre estas e as fontes narrativas da comunidade (Cardoso 2013).

Para que se possam entender de forma mais adequada as escolhas decorativas e padrões estéticos seguidos por estas comunidades, é necessário que se explorem as várias fontes e processos pelos quais se formulavam as suas referências visuais e, consequentemente, as imagens que sentiam a necessidade de materializar. Num estudo acerca do misticismo no monacato feminino quinhentista, Maria del Mar Cid conclui que, mesmo com o avançar dos séculos e com as mudanças que as reformas religiosas da modernidade trouxeram à espiritualidade, o peso da visualidade manteve-se na religiosidade feminina com as experiências visionárias e sensoriais a assegurarem o seu papel premente no encontro com o divino (Cid 2007).

O projeto de doutoramento no contexto do qual este artigo se desenvolve procurará, através do estudo do *corpus* apresentado na Tabela I, ser um impulso para o preenchimento das lacunas acima enumeradas. O estudo contextualizado dos códices referidos proporcionará, não apenas o maior conhecimento da iluminura portuguesa do século XVI, como também das particularidades deste grupo específico, conectadas com a vivência da arte pelas comunidades femininas.

Bibliografia

- AFONSO, L. U., PINTO P. M. (eds.). 2014. *O livro e as interações culturais judaico-cristãs em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Cátedra de Estudos Sefarditas.
- AFONSO, L. U., MOITA T. 2014. "Tradition and modernity in Portuguese Hebrew illumination of the late 15th century", in A. Miranda e A. Miguélez Caverio (eds.), *Portuguese Studies on Medieval Illuminated Manuscripts. New approaches and methodologies*. Barcelona-Madrid: Fidem, pp. 169-189.
- AFONSO, L. U., MIRANDA, A. (eds.). 2015. *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal.
- BARREIRA, Catarina Fernandes. 2013. "Contributos para o estudo do *Compendium Theologicae veritatis* no scriptorium de Sta. Maria de Alcobaça". *Actas do Congresso Internacional Mosteiros Cistercienses. Passado, presente, futuro*, dir. José Carreiras Albuquerque. Tomo II. Alcobaça: Edições Jorlis, 41-61.
- _____. 2014. "A iluminura portuguesa no século XV e o missal alcobacense 459". *O livro e as interações culturais judaico-cristãs em Portugal no final da Idade Média*, eds. Luís Urbano Afonso e Paulo Mendes Pinto. Lisboa: Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, FLUL, 161-190.
- _____. 2016. "Le *Compendium theologiae veritatis* de l'abbaye d'Alcobaça". *Portuguese Studies on Medieval Illuminated Manuscripts. New Approaches and Methodologies*, ed. Alicia Miguélez. Brepols Publishers (no prelo).
- CANO-CORTÉS, Pilar. 1998. "La miniatura guadalupense. La actividad artística de um scriptorium monástico a finales de la Edad Média". *A arte na Península Ibérica ao tempo do Tratado de Tordesilhas: Actas*. Lisboa: C.N.C.D.P, 388-430.
- CARDOSO, Paula. 2013. *A iluminura de Maria de Ataíde e Isabel Luís no Mosteiro de Jesus de Aveiro (c.1465-1500)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: FLUL.
- CEPÊDA, Isabel. 2013. "Livros de Coro Iluminados. Exemplares do século XVI na Biblioteca Nacional de Portugal". *Invenire* 5, 6-15.
- CID, Maria del Mar. 2007. "Notas sobre el fenómeno místico femenino en el monacato andaluz del siglo XVI". *Estudios en memoria del profesor Dr. Carlos Sáez: Homenaje*, coord. María del Val González de la Peña. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá.
- CUSTÓDIO, Delmira Espada. 2010. *A luz da grisalha. Arte, liturgia e história no Livro de Horas dito de D. Leonor (BNP, IL 165)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: FCSH-UNL.
- CUSTÓDIO, Delmira Espada, MIRANDA, Maria Adelaide. 2014. "Livros de Horas. O imaginário da devoção privada". *Medievalista online* 16, 1-6.
- DESWARTE, Sylvie. 1977. *Les enluminures de la Leitura Nova, 1504-1552: étude sur la culture artistique au Portugal au temps de l'humanisme*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- DOCAMPO, Javier. 2007. "La importación de manuscritos iluminados y su influencia en la miniatura de la Península Ibérica: 1470-1570". *La miniatura medieval en la Península Ibérica*, ed. Joaquín Yaza. Murcia: Nausícaä, 255-311.
- FERREIRA, Manuel Pedro. 2009. "Um fragmento de Alcobaça, o canto dos pregadores e os seus livros de coro na Biblioteca Nacional". *Actas IV Congreso Internacional Cister en Portugal y en Galicia* (Tomo II), eds. D. Miguel García e D. José Luís Carreiras, Braga – Oseira: Xunta de Galicia, 733-753.

- FRAZÃO, Maria Luísa. 1998. *Iluminura renascentista do Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora: livros do coro, 136, 137, 138 e 139*. Tese de Mestrado em História da Arte apresentada à Universidade de Lisboa. Lisboa: FLUL.
- GARCÍA, Carmen Morte. 2012. “Los cantorales miniados de la Orden Jerónima en el reino de Aragón”. *La miniatura y el grabado de la Baja Edad Media en los archivos españoles*, coord. Maria del Carmen Lacarra Ducay. Zaragoza: IFC (CSIC), 275-350.
- HAMBURGER, Jeffrey. 1997. *Nuns as Artists: The Visual Culture of a Medieval Convent*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press.
- HIDALGO, Rosario Marchena. 1999. *Las miniaturas de los libros de coro de la catedral de Sevilla: el siglo XVI*. Sevilla: Universidad de Sevilla. Secretariado de Publicaciones.
- INVENTÁRIO dos códices iluminados até 1500. Distrito de Lisboa. 1994. Vol. 1. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- INVENTÁRIO dos códices iluminados até 1500. Distritos de Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Coimbra, Évora, Leiria, Portalegre, Porto, Setúbal, Viana do Castelo e Viseu, Apêndice – Distrito de Lisboa. 2001. Vol. 2. Lisboa, Ministério da Cultura.
- JÄGGI, Carola. 2014. “Talking To God: The Use of Images in the Dominican nunneries of Late Medieval Teutonia”. *Anuario de Estudios Medievales* 44/1, 241-276..
- LEMO, Ana. 2013. “Algumas considerações sobre os livros de horas do século XV de origem francesa em bibliotecas e instituições portuguesas”. *D. Álvaro da Costa e a sua descendência, séculos XV – XVII: Poder, Arte e Devoção*, ed. Maria de Lurdes Rosa, Lisboa: IEM, CHAM e Editora Caminhos Romanos, 179-190.
- LENTES, Thomas. 1996. “Bild, Reform und cura monialium. Bildverständnis und Bildgebrauch im Buch der Reformacio Predigerordens des Johannes Meyer († 1485)”. *Dominicains et dominicaines en Alsace XIIIe-XXe siècles. Actes du colloque de Guebwiller* (8-9 avril 1994), ed. Jean-Luc Eichenlaub. Colmar; Archives départementales du Haut-Rhin, 177-195.
- PEIXEIRO, Horácio. 1986. *Missais iluminados dos séculos XIV e XV. Contribuição para o estudo da iluminura em Portugal*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: FCSH-UNL.
- _____. 1994. “Livros litúrgicos cistercienses de Arouca”. *Revista da Biblioteca Nacional*, 9, 61-73.
- _____. 1995. “Algumas considerações sobre a iluminura em Portugal”. *Revista da Biblioteca Nacional* 1-2, 169-194.
- _____. 1996. “Um missal iluminado de Santa Cruz”. *Oceanos*, 26, 52-72.
- _____. 1999. “A iluminura portuguesa nos séculos XIV e XV”. *A iluminura em Portugal: identidade e influências (do séc. X ao XVI)*, Lisboa: BNP, 289-327.
- _____. 2007. “A iluminura portuguesa dos séculos XIV a XV”. *La miniatura medieval en la Península Ibérica*, ed., J. Luaces Yarza, Murcia: Nausícaa, 145-192.
- _____. 2014. “A iluminura portuguesa no século XV”. *O livro e as interações culturais judaico-cristãs em Portugal no final da Idade Média*, eds., Luís Urbano Afonso e Paulo Mendes Pinto, Lisboa: Cátedra de Estudos Sefarditas, 145-160.
- ROBERTS, Ann. 1998. (Review) *Encyclopedia of Women in Religious Art* by Diane Apostolos-Cappadona; Boccaccio's 'Des clereset nobles femmes': Systems of Signification in an Illuminated Manuscript by BrigitteBuettnner; *Nuns as Artists: The Visual Culture of a Medieval Convent* by Jeffrey F.Hamburger; *Women, Art and Spirituality: The Poor Clares of Early Modern Italy* by Jeryldene M. Wood”. *The Art Bulletin* 80/1, 172-17.

- SEBÁSTIAN, Fernando Villaseñor. 2009. "Los libros de coro del real Monasterio de Santo Tomás de Ávila". *Reales Sitios: Revista del Patrimonio Nacional* 180, 4-27.
- ZIEGLER, Johanna. 1993. "Reality as imitation: the role of religious imagery among the beguines of the low countries". *Maps of Flesh and Light: The Religious Experience of Medieval Women Mystics*, ed. Ulrike Wiethaus. New York: Syracuse University Press, 112-126.

Tabela I – Livros de Coro quinhentistas provenientes de mosteiros dominicanos femininos					
Local	Mosteiro	Livro de Coro	Data	Autor	Colofão/Obs.
Biblioteca Nacional de Portugal (BNP)	Mosteiro da Anunciada (Lisboa)	LC 109 - Gradual Temporal	[1525]	“Joham Fernandez capelam do cardeal”	Mandou fazer: “Madre D. Joana da Silva, Priora do Mosteiro de Nossa Senhora da Anunciada.”
		LC 110 - Gradual Temporal (Continuação do anterior)	1525	“Joham Fernandez capelam do cardeal”	“a madre dona Joana de Silva primeira prioressa delle ho mandou fazer e ho pagou do dinheiro da sua legitima”
		LC 112 - Gradual Santoral	1524	“Joham Fernandez capelam do cardeal”	“madre dona Joanna da Silva primeira prioressa delle ho mandou fazer de hua esmolla que a dona Maria Freire leixou por sua alma ao dito moiteiro”
		LC 113 - Antifonário Temporal	[c. 1528]		
		LC 114 - Antifonário Temporal	1528		“mandou ho fazer dona Briatiz de Menezes segunda prioressa delle no anno de mil e quinhentos e xxviii, e pagousse”
		LC 116 - Antifonário Temporal	[c. 1528]		
		LC 117 - Antifonário Temporal	1528	Soror Antónia	“Dona Britiz de Menezes segunda prioressa e primeira deste moiteiro”
		LC 118 - A. Comum dos Santos	[1526-1550]		
		LC 119 - A. Comum dos Santos	[1526-1550]		
		LC 120 - Antifonário Santoral	[1526-1550]		
		LC 121 - Antifonário Santoral (cont.)	[1526-1550]		
		LC 122 - Antifonário Santoral ?	[15--]		Por analisar (não catalogados na BNP)
		LC 123 - Diurnal e Hinário	1550	Soror Antónia	Mandou fazer: “Dona Britiz de Menezes segunda prioressa e primeira deste moiteiro”
		LC nº 50	[15--]		Por analisar (não catalogados na BNP)

Mosteiro da Rosa (Lisboa)	LC 126 – Gradual Santoral	1588	Comissária: Catarina do Presépio	
Mosteiro de Nossa Senhora do Paraíso (Évora)	LC 136 – Gradual Temporal	1536	“Medina indignus”	Mandou fazer: “Margarida da Gran dona priora deste moesteiro de Sancta Maria do Paraiso desta muyto nobre cidade d' Evora”
	LC 137- Gradual Temporal	1536	“Medina indignus”	
	LC 138 – Antifonário Temporal	[1536]		
	LC 139 - Antifonário Temporal	[1539]		
	LC 140- Antifonário Temporal	1527	frey Thomas de Toledo frade da Ordem dos frades pregadores	Mandou fazer: “Joana Correa priora de Sancta Maria do Parayso da cidade d'Evora sendo ela ha primeira priora desta Casa ouservante”
	LC 141 - Antifonário Temporal	[1527]	frey Thomas de Toledo frade da Ordem dos frades pregadores	
Convento de Corpus Christi (Vila Nova de Gaia)	LC 97			Por analisar (não catalogados na BNP)
	LC 98			
	LC 99			
	LC 100			
	LC 101			
	LC 102			
	LC 103			
	LC 104			
	LC 105			
	LC 106			
	LC 107			
Mosteiro de S. Domingos (Donas de Santarém)	L.C. 108			
Convento de Santa Joana (Lisboa)	LC 127 – Gradual Temporal	[1526-1550]		
	LC 128 - Gradual	[15--]		

		Temporal			
		LC 129- Antifonário Temporal	[1501- 1525]		
		LC 130 – Antifonário Santoral	[1501- 1525]		Origem no Mosteiro N.S. Anunciada/ Mosteiro de Nossa Senhora da Rosa?
		LC 131- Antifonário Santoral	[1526- 1575]	Soror Antónia Enc. Bastião Dias	Mandou fazer “Dona Britiz de Menezes segunda prioreza e primeira deste moistero [Anunciada]”
		LC 132- Antifonário Santoral	[1526- 1575]	Soror Antónia ?	Origem no Mosteiro N.S. Anunciada
		LC 133 - Antifonário Santoral	[1526- 1575] “era de mil e bo L.j”	Soror Antónia ?	Origem no Mosteiro N.S. Anunciada
Arquivo Distrital de Leiria	Mosteiro de Santa Ana (Leiria)	1 códice [15--] (Pode ser também de Santa Maria da Vitória)			
Bib. de Montemo r-o-Novo	Nª Sra. da Saudação Montemor- o-Novo)	7 Antifonários sem cota [15--]			
Museu de Aveiro	Mosteiro de Jesus (Aveiro)				Apesar de se conhecer a atividade do seu scriptorium, parecem não ter sobrevivido livros do século XVI.